

vivo um hoje longo
 que não acaba mais
 a estender os braços tocando com os dedos
 o *já foi e o vai ser*
 nesse dia ininterrupto
 onde tudo acontece
 fora do tempo comum
 que ninguém pisque
 um só momento
 não faça planos
 ou junte dinheiro
 no relógio desse dia
 marco a minha hora
 com os ponteiros
 do aqui e do agora
 pergunte por aí:
 eu nasci velho
 ou ainda não cresci?

moro numa cidade líquida
 onde as pessoas mudam
 como ondas do rio
 desbarrancando-se
 em mágoas assoreadas
 o poder fisga a oca
 da gente miúda:
 na feira, vendem-se
 cambadas de povo
 enroladas no diário oficial
 uma cidade líquida
 é feira de ciclos –
 ver a vida da janela
 bater a roupa
 quarar saudades
 o rio atrai gente para a beira
 molha os pés de calmaria
 entrega-se todo em peixes,
 mas traga para o fundo lodacento
 todo aquele que se atreve demais



Eduardo Mahon

Mahon é um escritor brasileiro contemporâneo, carioca e mora em Cuiabá-MT. É advogado (pela UFMT) e Dr. em Estudos Literários (pela UNEMAT). Membro vitalício da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. É autor de vários livros de literatura e editor da Revista Literária Pixé.

Instagram: @eduardomahon e-mail: eduardomahon@eduardomahon.com.br

seria melhor
um sofrimento único
absurdo
dramático
apoteótico
não esse hematoma
de pequenas caneladas
nas quinas da vida
a agulhada no dedo
fossa de separação
a morte da mãe
decepção com o amigo
tratamento de canal
tudo poderia ser resumido
numa única pontada
tão aguda
tão sentida
que o resto da dor
fosse livre da vida



Não adianta me invocar
que não darei as caras,
Não há vela,
reza,
ponto,
ladainha,
que me faça
sair da minha
e baixar
em terreiro de umbanda,
culto evangélico
ou missa de sétimo dia.
Nem vem, meu amigo,
levarei tudo comigo
e já deixo lavrado
que nunca estou
onde não sou visto,
mas é capaz
que me aproveite
dessa condição etérea
para assombrar lugares
onde não fui bem quisto.
Quando eu for
para não sei onde,
onde quer
que me encaixem
de mim,
esse corpo físico
estático, pesado,
granítico,
não ficará sombra,
rastros,
unha,
cabelo.
Não deixo nem meu cheiro.
Não liguem pro além,
não visitem o cemitério,
não comprem flores,
nada que me lembre
das minhas dores.
Estarei de pijama,
sem calça, camisa
gravata ou cueca.
Viverei à vontade,
livre da minha vaidade,
num céu gelado,
prostrado na rede,
sem qualquer parede,
espreguiçando eternidade.